



A BATALHA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 70\$00; Estrangeiro, 6 meses 110\$00.

FEIRA, 4 DE ABRIL DE 1926

MAIS UMA JORNADA REVOLUCIONARIA

01.º de Maio dêste ano foi dos mais concorridos em todo o país, tendo o proletariado com a sua presença nos comícios e sessões afirmado o seu desejo de emancipar-se

Pode afirmar-se afoitamente, a pesar de várias circunstâncias fazerem suspeitar o contrário, que o Primeiro de Maio éste ano foi dos mais concorridos em quase todo o país.

Em Lisboa, embora chovesse bastante, a concorrência ao comício foi maior do que a dos últimos anos e inúmeras classes abandonaram o trabalho, embora ao sábado esse gesto seja mais difícil de manter.

Ainda nos faltam saber pormenores e receber notícias e relatos da comemoração do Primeiro de Maio em várias terras da província. Mas aquelas de que temos notícia são animadoras e demonstram que *A Batalha* tem razão em afirmar que se deve intensificar a propaganda sindicalista em todo o país, visto que o povo trabalhador a acolhe com simpatia.

Se tivesse sido possível a preparação metódica e bastante antecipada de uma forte paralisação, estarmos convencidos de que esta se realizaria com grande imponência. Mesmo, assim, a despeito da paralisação não ter sido organizada com muita antecedência, ela fez-se sentir bastante.

No Porto a paralisação foi vasta, não tendo circulado os *eléctricos*; também não circularam os carros eléctricos de Braga e os comícios e sessões foram largamente concorridos.

Estes factos devem trazer novo alento àqueles militantes que, descrendo da massa, começavam a entregar-se a um desânimo que, afinal, como se vê, não tem justificação.

Em harmonia com o critério expedito em artigos sucessivos que temos publicado nestas últimas semanas, chamamos a atenção dos militantes operários para o animador espetáculo do 1.º de Maio. O povo trabalhador demonstrou, confirmado as nossas esperanças, possuir energias e fé para grandes empreendimentos de carácter social e operário. Urge aproveitar a boa semente lançada agora à terra e não deixá-la morrer por falta de cuidados. Devemos transformar o ano num perpétuo Primeiro de Maio, cheio de agitação e vida, organizando metódicamente a propaganda sindical de forma a torná-la tanto quanto possível permanente.

Militantes mais esclarecidos devem percorrer o país semeando energias, levando a confiança aos corações ansiosos de perfeição, formando consciências, criando propício ambiente ao aparecimento de mais militantes operários e propagandistas convictos.

Não podemos deixar morrer o bom impulso do Primeiro de Maio, antes devemos aproveitá-lo para reorganizar classes que estejam desorganizadas, dar conhecimentos de organização sindical aquelas classes que porventura desconheçam ainda as vantagens da C. G. T.

O Primeiro de Maio, demonstrando que as massas operárias e sofredoras conservam uma certa consciência da situação difícil em que se encontram, aconselha os militantes a redobrar de energia e de atividade no sentido de uma ampla e profícua propaganda.

O comício efectuado no Parque Eduardo VII teve bastante concorrência. Muitos antes das 16 horas, já muitas centenas de operários se espalhavam pelos terrenos. Também lá estavam os oficiais da polícia, que foram passar no "montanha russa", dando com muito agrado e sem bilhete alguma voltinha.

Depois, foi o tenente José Carlos atirar ao alvo, na barraca próxima, tendo errado tanto grande número de tiros que a sua pericia de oficial de infantaria provocou algumas comentários.

A hora marcada para o comício, muitos milhares de operários se juntaram no local, tendo o camarada Alexandre Rosado, em nome da C. S. T. de Lisboa, como inicio, explicado os fins do comício. A mesa ficou assim constituída: presidente, Alexandre Rosado, da C. S. T.; secretários: Henrique Marques, da Federação Téxtil; Alvaro dos Santos, da Federação do Livro e do Jornal.

Fala primeiramente

Silva Campos, delegado da C. G. T.

Tem palavras vibrantes de revolta contra a reacção que tudo domina. Não existe liberdade: não se pode reunir, não se pode manifestar, os domicílios são violados, persegue-se, deporta-se quem não está de acordo. A burguesia pretende que o seu jugo se prolongue eternamente, ainda que todos tenham de ser sacrificados. As classes trabalhadoras veem sendo torturadas cruelmente pela grave crise económica, são ainda hoje castigadas como no tempo do feudalismo. A burguesia, porém, está incapaz de resolver esse problema económico que há de ser contra si uma arma de morte a empunhar pelos trabalhadores.

— Só em plena liberdade pode haver bem estar. E só com a abundância para todos se pode conseguir bem estar. Mas a abundância só vai, hoje, para os que dominam. E os que trabalham só miséria distribuem.

Por entre apelos e gritos de revolta Silva Campos prossegue o seu discurso. Faz uma exortação: — Que os trabalhadores façam o que a burguesia não sabe fazer: estabelecer entre os povos a liberdade, a igualdade e a fraternidade, essa trilogia que a democracia burguesa invoca como lema. Lema mentiroso, porque não poderá ser verdadeiro enquanto se desencadeiam lutas fratricidas entre povos, enquanto se praticam a iniqua exploração do homem pelo homem, enquanto se persiga e se castigue. Os trabalhadores têm de ser revolucionários se quiserem vencer a reacção e o capitalismo, se quiserem suprimir as origens da sua desgraça.

— Aí é o ideal são duas forças que ajudam os trabalhadores unidos e organizados a destruir um sistema social feito de iniquidades. A rebeldia dos trabalhadores, só ela, poderá extinguir a grande ignominião social. O operariado tem na sua própria força a capacidade de dar realidade ao pensamento universal de liberdade e justiça.

Hoje, os burgueses refilm no círculo das liberdades. A organização dos trabalhadores é o espelho dos governantes e dos ditadores. Na sua resistência às modernas correntes de opinião vão ao extremo de perseguir os próprios liberais, que em muitos países, especialmente na Itália e na Espanha, não têm, como os avançados, nem direitos nem liberdades. E' esta situação que se pretende estabelecer em Portugal com a ajuda dos que se dizem defensores da democracia.

Ve-se que a democracia e suas conqui-

competentes. Protesta contra as deportações de operários que nem sequer estão incriminados.

A propósito da questão dos tabacos, afirma que o Parlamento vai causar miséria de 33.000 operários que se fiavam dos poderes públicos.

Diz que os jovens nunca se intimidam diante dos crimes e das perseguições que a autoridade comete. Os jovens são crianças, no dizer dos conservadores, mas são crianças que fazem tremer os homens teríveis desse país, que estão habituados a ver sómente velhos nessas juventudes que para si há a defender o prestígio da ordem. Arduamente têm as juventudes cumprido a sua missão.

— Hoje, em comemoração do 1.º de Maio, dezenas de jovens, em diferentes localidades, falarão em nome da C. G. T. São militantes da C. G. T. essas dezenas de crianças.

Alfredo Lopes, da Federação da Construção Civil

— Outrora, em Chicago—assim inicia o seu discurso—morreram de tiros dezenas de operários. Hoje, em Portugal, são os milhares os que morrem de fome!

Não há trabalho. Paralisaram as indústrias. Entre tanto, no Parlamento partem-se cartas como se isto resolvesse a actual crise. O proletariado tem de sair da sua inexplicável indiferença e resistir aos nossos inimigos, que querem aniquilar-nos com a falta de pão e de trabalho. As violências da burguesia terminarão quando o proletariado se dispuser a tal, organizando-se para a resistência. A regalia das oito horas é conquista do operariado; só ele terá força para a defender e garantir. Deve fazer mais: reivindicar as 6 horas, porque só assim desaparecerá a crise de trabalho. Reduzir sempre as horas de trabalho enquanto durar a crise económica.

Mário Castelhano, da Federação Ferroviária

Protesta contra a desmobilização da sociedade capitalista, que, infelizmente, muito atinge a classe operária. Quereria que todos os trabalhadores dos transportes houvessem abandonado o trabalho para evidenciar a força que se reserva contra o capitalismo. Insurge-se contra as violências da burguesia e incita à resistência porfaida. A burguesia falhou na administração social e industrial.

Que o operariado a substitua porque isso só terá vantagens. O 1.º de Maio simboliza o sofrimento do trabalhador oprimido pelo capitalismo, portanto, este dia deve ser de intenso protesto.

A chuva desabou subitamente. Ninguém arreda e sob os chapéus abertos espera-se a passagem do apagador. E a fechar o seu discurso, Silva Campos vai explicando os objectivos da C. G. T., advogando o completo desaparecimento do capitalismo e do Estado.

À seu pedido, e após uma consulta à assistência—pois só deveriam falar delegados da C. G. T., C. S. T. e de federações—também discursa o

Dr. Mário Monteiro, advogado de vários presos sociais

Fala em nome dos seus constituintes e foram renegadas pelos adeptos. Não consentiremos, porém, que nos escravizem ainda mais. Reivindiquemos uma sociedade sem escravos, uma sociedade de homens livres e fraternos.

E o que reclama o sindicalismo revolucionário, que a burguesia pretende aniquilar, seja como for. Nada conseguirá, a-pesar-dos fusilamentos, das deportações e dos encarceramentos. A burguesia estúpida, não compreende a grandeza do movimento operário e supõe ter força para o deter.

A chuva desabou subitamente. Ninguém arreda e sob os chapéus abertos espera-se a passagem do apagador. E a fechar o seu discurso, Silva Campos vai explicando os objectivos da C. G. T., advogando o completo desaparecimento do capitalismo e do Estado.

Apela para a organização de todos os trabalhadores, evocando a formidável luta dos operários ingleses.

Fala

José de Sousa, do Socorro Vermelho

O 1.º de Maio deve ser, em cada ano, o balanço das derrotas e dos triunfos do operariado. O balanço de agora revela que a situação é trágica. Por toda a parte, os trabalhadores sofrem os horrores da burguesia. Apela finalmente para a solidariedade do operariado em favor dos perseguidos.

Artur Aleixo, da Câmara Sindicatal do Trabalho

Manifesta-se no dia 1.º de Maio a consciência colectiva dos trabalhadores. Este dia deve ser, pois, um incitamento ao proletariado para prosseguir na luta contra o capitalismo. Deseja que o operariado se force à desmobilização da sociedade burguesa, criando-se uma força que de vez anquile a reacção e funde uma nova ordem social. Saita o proletariado internacional e a C. G. T.

Em seguida aprova-se entusiasticamente a moção da C. G. T., encerrando-se o comício.

O povo operário de Lisboa reuniu no dia 1.º de Maio, data histórica em que o proletariado revolucionário deve manifestar sem tiques a sua disposição em combater sem tréguas a dominação ignominiosa da burguesia que o vitima considerando:

a) Que a burguesia, incapaz para resolver os seus problemas económico e libertário, com grande perigo para o proletariado e para a humanidade, sentindo-se ameaçada pela ação revolucionária do mesmo proletariado organizado e procurando assegurar o seu predominio, abandona as suas velhas afirmações liberais e renega todos os princípios de Democracia para se acoitar ao absolutismo reaccionário, onde encontra os despotismos e violências para massacrar os operários no seu movimento daquele jornal o operariado andaria todo o dia inacioso, sem saber como havia de comemorar o 1.º de Maio...

b) Que esta incapacidade da burguesia indígena por um lado e a sua atitude ultra-reaccionária por outro, são manifestações da burguesia de todos os países o que determina um reaccionismo internacional solidificado nas figuras sinistras de Mussolini e Rivera, e na expressão histórica do Estado, que por consequência o proletariado do mundo está simultaneamente empurrado na mesma acção defensiva e libertária...

c) Que, no entretanto, a burguesia está exercendo violências que demonstram bem o seu ódio às classes operárias e os propósitos de exterminar todos os princípios de liberdade e, como se verifica pelas deportações sem o legal e burguês julgamento e violências contra as classes que justamente reclamam e defendem os seus interesses — como sucede, miseravelmente, com os ferroviários de Lourenço Marques;

*d) Que querem saber o que é a política não leiam apenas *A Batalha*, porque pode ser suspeita de parcialidade: leiam os jornais conservadores que também já não a suportam!*

E diz, depois: O que se tem passado no Parlamento nunca se viu nos sindicatos operários. Quem são os inimigos da ordem? Como a burguesia decai!

Exorta à organização sindical para que a opressão capitalista desapareça de vez.

António de Sousa da Federação das Juventudes Sindicais

Insurge-se contra a perseguição às Juventudes Sindicais, considera-a uma rasteira para os deitar a baixo. Exalta a missão das juventudes, que preparam homens dignos e

d) E por ultimo que o bem estar dos povos, isto é, a ordem que parte do indivíduo à família, às regiões e a todo o "orbe", só pode produzir-se quando as ações de todos sejam solidariamente encaminhadas para o respeito mútuo, pela observância dum constante aproveitamento dos elementos e das vantagens individuais, com a inteligente e humana apreciação dos acontecimentos, na ausência de todo o propósito de dominar ou coagir—ações estas incompatíveis com o direito de propriedade hereditária, com os convencionais limites páticos, com o permanente estado de armamento e o domínio dos Estados sobre certos povos que se acoberta com o chama "protectorado"; resolv:

Sob o ponto de vista nacional:

1.º — Saudar as vítimas da burguesia, do fascismo e do dogma do Estado, do mundo, e manter bem vivos os protestos contra as forças da reacção que dominam, sobretudo na Itália e na Espanha e contra todo o impeditivo à natural expansão da ação emancipadora e libertária dos trabalhadores, repelir qualquer tentativa político-militarista cujo fim seja o estabelecimento duma situação ultra-reaccionária no país—sem nenhum compromisso para as que tenham outro objectivo —, e manter uma permanente ação, por conduto da C. G. T., contra qualquer restrição de quaisquer liberdades públicas.

Sob o ponto de vista internacional:

1.º — Saudar as vítimas da burguesia, do fascismo e do dogma do Estado, do mundo, e manter bem vivos os protestos contra as forças da reacção que dominam, sobretudo na Itália e na Espanha e contra todo o impeditivo à natural expansão da ação emancipadora e libertária dos trabalhadores, repelir qualquer tentativa político-militarista cujo fim seja o estabelecimento dum a situação ultra-reaccionária no país—sem nenhum compromisso para as que tenham outro objectivo —, e manter uma permanente ação, por conduto da C. G. T., contra qualquer restrição de quaisquer liberdades públicas.

2.º — Encarregar a mesa do envio imediato de telegramas ao governo e representante da França em Portugal, protestando contra a extradição de Paulo da Silva.

3.º — Encarregar a mesa do envio imediato de telegramas ao governo e representante da França em Portugal, protestando contra a extradição de Paulo da Silva.

4.º — Encarregar a mesa do envio imediato de telegramas ao governo e representante da França em Portugal, protestando contra a extradição de Paulo da Silva.

5.º — Encarregar a mesa do envio imediato de telegramas ao governo e representante da França em Portugal, protestando contra a extradição de Paulo da Silva.

6.º — Encarregar a mesa do envio imediato de telegramas ao governo e representante da França em Portugal, protestando contra a extradição de Paulo da Silva.

7.º — Encarregar a mesa do envio imediato de telegramas ao governo e representante da França em Portugal, protestando contra a extradição de Paulo da Silva.

8.º — Encarregar a mesa do envio imediato de telegramas ao governo e representante da França em Portugal, protestando contra a extradição de Paulo da Silva.

9.º — Encarregar a mesa do envio imediato de telegramas ao governo e representante da França em Portugal, protestando contra a extradição de Paulo da Silva.

10.º — Encarregar a mesa do envio imediato de telegramas ao governo e representante da França em Portugal, protestando contra a extradição de Paulo da Silva.

11.º — Encarregar a mesa do envio imediato de telegramas ao governo e representante da França em Portugal, protestando contra a extradição de Paulo da Silva.

12.º — Encarregar a mesa do envio imediato de telegramas ao governo e representante da França em Portugal, protestando contra a extradição de Paulo da Silva.

13.º — Encarregar a mesa do envio imediato de telegramas ao governo e representante da França em Portugal, protestando contra a extradição de Paulo da Silva.

14.º — Encarregar a mesa do envio imediato de telegramas ao governo e representante da França em Portugal, protestando contra a extradição de Paulo da Silva.

</

CARTA DE COIMBRA

Uma notável conferência que demonstrou a falta de base das doutrinas integralistas

COIMBRA, 2. — Atrazado. — No dia 24, realizaron conferências os srs. Ezequiel de Campos, engenheiro agrônomo, e Mário de Castro, estudante de direito.

O primeiro conferente abordou o assunto interessantíssimo de «A inadaptação do neo-godo ao território da metrópole». A discussão foi deveras interessante, mantendo até ao fim a assemblea numa atmosfera de profundo interesse. O orador, que disseram pelas espreas de duas horas, provou exuberantemente que os portugueses não têm sabido explorar as riquezas naturais do país e que têm sido sempre um povo de acomodatários, não sabendo senão desde o séc. XV aguardar as embargações que vêm da Índia, da África e do Brasil. A assemblea aplaudiu delirantemente o orador.

Seguiu-se Mário de Castro que lê a sua conferência — «Em frente das doutrinas reactionárias». Quando o orador entra na crítica das doutrinas integralistas — que considera «anacrônicas, conusas e contraditórias», apontando, com um belo poder de análise, as suas incongruências, os estudantes integralistas, que se encontravam na sala, rebentam numa pataca e explodem em apertos.

Os elementos republicanos e avançados, de acordo em presença da crítica ao integralismo, opõem fortes aplausos à pataca dos «marcos» de D. Nuno.

Mário de Castro afirma que acha, da mesma forma, lógicas as suas atitudes: as suas incongruências, os estudantes integralistas, que se encontravam na sala, rebentam numa pataca e explodem em apertos.

Restabelece-se, a custo, o silêncio, que dura pouco, voltando a fazer-se sentir o eco das duas opiniões.

Os manifestantes da oposição, convocados pela assemblea a subirem ao palco para ali refutarem o orador, delegam nessa missão num mocinho académico, seu camarada, que pede a palavra.

Mário de Castro prossegue na sua exposição, agora já no meio de silêncio.

Critica a ideia — Tradição: pilar máximo das doutrinas integralistas.

Mas, Tradição — afirma o orador — combina tanto a tradição crista, como a tradição revolucionária — esta última combata pelas integralistas.

Refere-se ao *facto*, às *ideias*, etc., realizando uma crítica circunstanciada e inteligente à doutrina integralista.

No final sobe ao palco o académico que pedira a palavra e, garantindo que se comportaria com correção, refuta alguns pontos da exposição de Mário de Castro. Afirma que a Democracia falharia muito e, perante este fracasso, não hesita em proferir que prefere um rei hereditário.

Rebenta, então, forte pataca da parte da assemblea contrária, manifestando o seu desacordo, altisonantemente, alguns grupos operários.

Um operário, em voz alta:

— Um rei? Guardemo-nos só para vocês, mas não o queremos impor aos outros!

Outros, j'abaxo o rei e os presidentes!

Impõe, de novo, o tumulto.

Serenados de novo os ânimos, o contraditor concluirá, dando o presidente, de novo, a palavra a Mário de Castro, que, argumentando com muita lógica, desfez toda a contradita do orador integralista.

O integralismo saiu daquela sessão muito amarrado, e os «marcos» de D. Nuno abandonaram a sala, mais corcundas do que haviam ali entrado...

A VENDA A 9.ª SÉRIE
DE OS MISTÉRIOS DO PVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no gênero se publica

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respetivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 50\$00.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

“A Voz do Cárcere”

Encontra-se à venda na administração do nosso jornal o primeiro número de «A Voz do Cárcere», cujo preço é de 1\$00.

Todos os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importâncias.

chicos, e trazem os filhos quase nus ou cobertos de farrapos.

São maus, porque dizem que os metafísicos constroem bons carros, e andam a pé; os marceneiros fazem boas mobílias, e não têm em casa uma cadeira nem um guarda-fato; que os curtidores e sapateiros fabricam óptimo calçado e trazem alpargatas ou andam descalços, ao passo que os armazéns abarrotam de todos estes artigos em grande abundância!

Os sindicalistas são malvados porque dizem que os trabalhadores do campo lavram a terra sob um sol ardente ou um frio de gelar o sangue, cultivando o trigo, o milho, as batatas, etc., e trazem os filhos cheios de fome; criam as boas rézes que fornecem a carne aos ricos, e elas são felizes quando comem sardinhas. Por estes e muitos crimes idênticos, são os sindicalistas perigosos, e por isso é preciso persegui-los, deportá-los, enfardelá-los, fuzilá-los, até os extermínios.

Mas o diabo é que parece que elas têm arte mágica; «quanto mais matam mais apetem».

Retomando, novamente, o fio à meada, vamos concluir este já extenso e desataviado artigo.

A conservação dos nossos camaradas deportados na Guiné é um insulto à classe operária.

As artimanhas dos nossos governantes, é preciso responder com a altivez que o caso requer.

IMPRENSA

A Voz do Cárcere.

Editedo pelo nosso camarada João Maria Major, arbitrariamente preso no Forte do Monsanto, iniciou a sua publicação no dia 1 de Maio *A Voz do Cárcere*, que apresenta um agradável aspecto gráfico e uma impecável redacção.

A Voz do Cárcere é um audacioso empreendimento dos presos sociais e destina-se a fustigar os crimes das autoridades cometidos nos lúgubres calabouços para onde são arremetidos os presos sociais.

O primeiro número, além de publicar as fotografias de Diamantino da Anunciação, assassinado pela polícia em 29 de Maio, e de João Nunes Carreira, falecido no Guiné onde se encontrava deportado, faz sensacionais revelações sobre os suplícios infligidos a alguns presos nas esquadras de polícia.

Os objectivos de *A Voz do Cárcere* são demarcados no seu editorial, do qual extracto o seguinte período:

«A odisseia dos presos sociais é das mais dolorosas que se conhecem, através de todas as perseguições que esta república de bandoletas tem exercido contra todos que não se conformam com o regime de crápula, em que este desgraçado país se tem afundado.

Há quase um ano que esta iniqua situação começou. Recordá-lo é recordar o terror sem igual, o banditismo a que um grupo de janizários se lançou, escondido em «ordens superiores» com a certeza da impunidade. Alguns presos sofreram as maiores atrocidades: nos calabouços das esquadras policiais, ameaçados a cada momento pela morte na «lei da fuga» que a polícia estabeleceu, a-fim de fusilá-los impunemente, ao voltar dum apanho, aqueles que poderiam bradar ao povo as brutais agressões que injustamente tinham sofrido nos interrogatórios.

Alguns bandidos-polícias, que mais tarde receberam elogios de dinheiros, torturaram durante horas, lentamente, com todos os recursos de malvadez, aqueles a quem queriam obrigar a assinar depoimentos que a polícia já levava redigidos.

E todos os presos que a polícia acusava e tiveram a desdita de protestar a sua inocência, tiveram que assinar o que a polícia lhes apresentou na frente, depois do corpo cortado a cavalo-marinho. Pelo maior que seja a resistência da vítima, reforçada com a verdade das suas afirmações, a tortura, o suplício que os bandoletas da «ordem» são capazes de inventar, acaba sempre por vencer e fazer das vítimas os autómatos que se deixam mover à vontade dos carrascos.

A maior resistência à tortura entre asparedes silenciosas dos cárceres, encontram-a, através da história, nas épocas remotas das lutas religiosas, quando ainda todos acreditavam na felicidade de além-túmulo, e mesmo assim muitos cederam à tortura do pavor dos suplícios.

Hoje que estamos na época das lutas materialistas, das altas aspirações transformistas é ainda mais fácil vencer pela tortura.

E foi assim que a polícia venceu muitos inocentes, que assimaram tudo que contra elas quisieram escrever, para se furtarem às atrocidades de que estavam sendo vítimas, havia horas infinidas.»

Aos trabalhadores compete auxiliar *A Voz do Cárcere*, pois sem esse auxílio a arrojada iniciativa dos presos sociais não conseguirá o éxito que lhe auguramos.

A Voz do Cárcere, que se encontra à venda na administração do nosso jornal, custa um escudo, cada exemplar.

Edições de “A Sementeira”

Práticas neo-malutusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$30
A peste religiosa..... \$40
A Liberdade..... \$50
A Internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à *A Batalha* ou no Cais do Sodré, 88

Ainda o aniversário da lei da separação

A comissão de beneficência 20 de Abril comemorou no passado domingo o 15.º aniversário da lei da separação da igreja do Estado, com uma pequena festa que decorreu animadamente.

A 10 horas começaram a ser vestidas e celadas cerca de 200 crianças que seguiram formadas para o Teatro Nacional onde se realizou uma sessão solene, na qual fizeram uso da palavra, os drs. srs. Magalhães de Lima, que presidiu, Agostinho Fortes, Carneiro de Moura, professor Ladislau Batista, capitão Pina de Moraes, tenente-coronel Tavares de Carvalho e o sr. Vasco Gama.

Escola oficina n.º 1

Como já foi noticiado, é amanhã que se realiza no teatro São Luís a festa anual em benefício da Escola Oficina n.º 1.

Dado o fim a que se destina o produto da festa e também porque a peça escolhida é uma das melhores do repertório do teatro, é de prever grande afluência de espectadores.

Os bilhetes podem ser requisitados na secretaria da Escola, larga da Graça, 53.

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extracções sem dôr a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cauchu». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Quem quiser saber novas sobre o mistério que estas interrogações encobrem, telefone hoje para o teatro MARIA VITORIA onde, em mais duas sessões, se repete a famosa revista

FOOT-BALL com o seu grande atrativo das Girls e os lados mais engraçados e populares criadas por Hortense Luz, Carlos Leal, Alfredo Ruas, Santos Carvalho e Alberto Ghira no compê.

Se telefonar não deixará de marcar bilhete, para hoje, para amanhã, para todas as noites em que for a revista.

Do estatuto confederal

CAPÍTULO I DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º — agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e políticos, para a elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política e doutrina religiosa, a capacidade do operário organizado para a luta pelo desemprego do sector industrial, e para a luta contra a arrematação das suas produções;

3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mutuamente comum intensificando, quanto ao integral de sua eman-

ce, a solidariedade da arrematação cobrada

nos 5.º e 6.º artigos;

4.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mutuamente comum intensificando, quanto ao integral de sua eman-

ce, a solidariedade da arrematação cobrada

nos 5.º e 6.º artigos;

5.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mutuamente comum intensificando, quanto ao integral de sua eman-

ce, a solidariedade da arrematação cobrada

nos 5.º e 6.º artigos;

6.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mutuamente comum intensificando, quanto ao integral de sua eman-

ce, a solidariedade da arrematação cobrada

nos 5.º e 6.º artigos;

7.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mutuamente comum intensificando, quanto ao integral de sua eman-

ce, a solidariedade da arrematação cobrada

nos 5.º e 6.º artigos;

8.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mutuamente comum intensificando, quanto ao integral de sua eman-

ce, a solidariedade da arrematação cobrada

nos 5.º e 6.º artigos;

9.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mutuamente comum intensificando, quanto ao integral de sua eman-

ce, a solidariedade da arrematação cobrada

nos 5.º e 6.º artigos;

10.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mutuamente comum intensificando, quanto ao integral de sua eman-

ce, a solidariedade da arrematação cobrada

nos 5.º e 6.º artigos;

11.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mutuamente comum intensificando, quanto ao integral de sua eman-

ce, a solidariedade da arrematação cobrada

nos 5.º e 6.º artigos;

12.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mutuamente comum intensificando, quanto ao integral de sua eman-

ce, a solidariedade da arrematação cobrada

Serviço de livraria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Romance original de Mérimée, tradução de Sam, Meyer, 1 volume de 56 páginas.....
Traduzido do original polaco de Nierojevski por B. Kuhl, com um prefácio de Antoni Grabowski, 1 volume.....
Selos de propaganda esperanto.....
Muito artísticos, a ótimo preço e ótimo motivo, os nossos principais monumentos, nítidamente impressos. Cada coleção de oito Colados em album com o retrato de Zamenhofe, com legenda Solo em português e esperanto.... de Fluto

Monólogo de Paul Bihaud, tradução de Fernando Doré, 1 volume de 12 páginas.....
Strange Heredaje

Mais um original de Luyken, o filho autor do Mirinda Amo, Romance interessante, aconselhado pela crítica, 1 volume.....
Vade Mecum de Internacia Farmacio Por C. Rousseau, 1 volume de 233 páginas.....
Vitral Fabeloj

De diversos autores, recomendado pela Esperanto Literatura Asocio

La Vangrapo

Comédia em 1 acto por Abraham Dreyfus, tradução de S. Sa., 1 volume de 52 páginas.....

Vida de Zamenhof

A vida do autor da língua, com excelentes gravuras, edição de luxo, 1 volume de 109 páginas.....

Vojage Interno de Mia Cambro

Romance de Mastro, traduzido por S. Meyer, 1 volume.....

Portaria Kabe

Esplêndido dicionário, só em Esperanto, mas compreensível e remediano a falta do dicionário esperanto-português. Aconselha-se a sua aquisição. Este dicionário, com a Kreslomat, curso elemental e Bildotabuloj, faz parte da primeira bagagem do principiante. 1 volume encadernado.....

Companhia Nacional de Navegação

Para Porto (Douro) e Leixões
Sairá no dia 4 de Maio o vapor Ibo, recebendo carga e passageiros. Trata-se na sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

Purgações e prostáticas

CURAM-SE radicalmente na Farm. Ultramarina de S. Paulo, 101. Purgações 4 dias. Prostáticas 12 dias. Antigas ou modernas, curam-se sempre.

selos de propaganda esperanto.....

Muito artísticos, a ótimo preço e ótimo motivo, os nossos principais monumentos, nítidamente impressos. Cada coleção de oito Colados em album com o retrato de Zamenhofe, com legenda Solo em português e esperanto.... de Fluto

Monólogo de Paul Bihaud, tradução de Fernando Doré, 1 volume de 12 páginas.....
Strange Heredaje

Mais um original de Luyken, o filho autor do Mirinda Amo, Romance interessante, aconselhado pela crítica, 1 volume.....
Vade Mecum de Internacia Farmacio Por C. Rousseau, 1 volume de 233 páginas.....
Vitral Fabeloj

De diversos autores, recomendado pela Esperanto Literatura Asocio

La Vangrapo

Comédia em 1 acto por Abraham Dreyfus, tradução de S. Sa., 1 volume de 52 páginas.....

Vida de Zamenhof

A vida do autor da língua, com excelentes gravuras, edição de luxo, 1 volume de 109 páginas.....

Vojage Interno de Mia Cambro

Romance de Mastro, traduzido por S. Meyer, 1 volume.....

Portaria Kabe

Esplêndido dicionário, só em Esperanto, mas compreensível e remediano a falta do dicionário esperanto-português. Aconselha-se a sua aquisição. Este dicionário, com a Kreslomat, curso elemental e Bildotabuloj, faz parte da primeira bagagem do principiante. 1 volume encadernado.....

Abatimentos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98

Telefone N. 5333

Medicina, cirurgia e pulmões—Dr. Armando Nogueira, 1 hora.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar, 4 horas.

Fise, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães, 10 horas.

Fise, vias urinárias—Dr. Correia Figueiredo, 10 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Lobo, 2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário Matos, 3 horas.

Gripe, faríngite, faríngite e ouvidos—Dr. Mário Oliveira, 12 horas.

Estomago, intestinos—Dr. Mendes Belo, 10 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Emílio Paiva, 1 hora.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso, 12 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Ribeiro, 10 horas.

Eco e dentes—Dr. Armando Lima, 13 horas.

Câncer e radio—Dr. Cabral de Melo, 4 horas.

Reino X—Dr. Aleu Saldanha, 4 horas.

Analises—Dr. Gabriel Besto, 1 hora.

Cartilha do homem do povo.....

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofrigne.....

O que é ser socialista?, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha.....

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva.....

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar.....

A Humanidade, por Taraf Javol, 1 volume.....

O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin, 2000

Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchonhofer, 2000

Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série, 2500

O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva, 2500

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas, 3000

A Religião da Humanidade, por José Augusto Corrêa, 3500

A Filologia perante a História, por Nobre França, 5000

A venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo.....

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofrigne.....

O que é ser socialista?, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha.....

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva.....

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar.....

A Humanidade, por Taraf Javol, 1 volume.....

O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin, 2000

Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchonhofer, 2000

Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série, 2500

O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva, 2500

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas, 3000

A Religião da Humanidade, por José Augusto Corrêa, 3500

A Filologia perante a História, por Nobre França, 5000

LA NOVELA SOCIAL

É uma interessante publicação, em língua espanhola, que se encontra à venda na nossa administração, custando os sete números já publicados 4500 e pelo correio, registo, 5500.

As novelas até agora aparecidas têm os seguintes títulos:

Infanticia, por Joaquim Dicenta.

Vidas quiméricas, por Fructuoso Vidal.

Carne podrida, por Ramón Mogre.

El grumete, por Felipe Aloiz.

Schum íntimo, por Eduardo Sarjuán.

Locos, por Salvador Cerdón.

Las noches blancas, por Fedor Dostreyewski.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1500; pelo correio, 1520; registo, 1550. Pedidos à administração de A Batalha.

ASSINEM Os mistérios do Povo

nas soberbas estátuas antigas; os lábios vermelhos e o queixo um pouco saliente, davam-lhe a fisionomia um carácter de notável grandeza. A sua elevada estatura, pescoço musculoso, largos ombros, braços robustos, um seio admiravelmente delineado, faziam lembrar as belas proporções da Minerva dos gregos.

A esta apariência viril juntava-se em Cornélio a encantadora alegria própria da sua idade.

Vestida como sua prima Tereza, ela tinha, para ficar com os movimentos mais livres, arregacado as mangas do vestido, o que lhe deixava ver os belos e vigorosos músculos dos braços, brancos como mármore, e parecendo inchar mais ou menos à medida que faziam correr o ferro quente por sobre a roupa que ela engomava.

Mas, de espaço a espaço, o ferro ficava um momento em descanso. Era quando Cornélio parava, para prestar atenção a Antonicq que estava lendo para todos a família, e contemplá-lo, não com timida ternura, mas procurando-lhe o olhar com a serena firmeza dumha noiva.

O capitão Mirant, pai de Cornélio, um dos mais intrépidos marinheiros da Rochella, homem ainda no vigor dos anos, desenhava a lápis o plano dumas obras de fortificação que julgava necessárias para o porto.

Junto ao capitão estava sentado João Barbot, o caldeirero da ilha de Ré, cuja mulher, madrinha de Ana Bell, tinha morrido de desgosto depois de por muito tempo ter chorado amargamente o rapto da afilhada, atribuindo o à falta de vigilância da sua parte.

A fim-de não estar ocioso, João Barbot estava polindo uma armadura de aço com todo o esmero que empregaria em polir uma bela bandeira de cobre cheia de ricos ornatos, ou um dos magníficos pratos de ferro estanhado que, expostos na sua oficina, tinham um brilho semelhante a ouro ou prata.

Barbot, homem de rara coragem, e de admirável sangue-frio diante do perigo, tinha tomado parte nas últimas guerras religiosas. Entre outras cicatrizes, u-

A BATALHA

Auto protector para evitar a infecção

de todas as doenças venéreas. Blefarofragia, cancro e todas as doenças sifilíticas, use:



remédio alemão duma eficaz garantida usado por todas as pessoas que não querem apañar estas doenças.

Com bisnaga com as instruções de usar custa em Lisboa, 700, e com caixinha de alumínio, Esc. 150. Para a província mais 150 de despesa. Envio-se à cobrança, pelo correio.

A venda em Lisboa: FARMACIA CURIA, rua das Escolas Politécnicas, 16 e 18—Telefone 4006

A venda no Porto: FARMACIA FIGUEIREDO, Lda, rua Cebolleta, 125.

HALLA 1

EDITIONS G. BRIOTOT, 19-B a 19-C LISBOA

TELEF. T. 546

Dr. Júlio Gonçalves—Boca e dentes, às 10 horas.

Dr. António Monteiro—Clinica geral, senhoras e crianças, às 11 horas.

Dr. Lourenço Raimundo—Rins e vias urinárias, às 13 1/2.

Dr. António Fernandes—Medicina geral e doenças nervosas, às 15 1/2.

Dr. João Saraiva—Doenças dos olhos, às 15 1/2.

Dr. João de Moraes Sarmiento—Ginecologia e operações, às 16 h.

Dr. Raúl Saavedra—Pele, sifilis e pulmões, às 17 h.

Dr. Tavares do Couto—Garganta, nariz e ouvidos, às 15 1/2.

Análises clínicas, electroterapia, maçagem e ginástica médica

REBUÇADOS PEITORAIS

Dr. Centazzi

Os melhores para a tosse, catarras bronquites.

Livres de essências artificiais

Cuidado com as imitações

Pedir em toda a parte

Nas casas que mereçam confiança para evitar misturas de outros rebuçados, com o papel imitando o nosso.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500.

Entre Vinhados e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.

A' venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

A BATALHA

Parece inevitável o grande conflito mineiro em Inglaterra

Na Inglaterra

Para combater a greve dos mineiros o governo mobilizou as forças de terra e mar

LONDRES, 3.—O governo publicou à meia da madrugada de hoje um "ultimatum" no qual afirma que só será possível chegar a uma solução desde que os mineiros aceitem as conclusões do relatório da comissão oficial encarregada do estudo da crise agravada pela indústria do carvão.

No mesmo "ultimatum", o governo declara garantir o subsídio por mais 16 dias, a fim de permitir que as duas partes interessadas prosigam nas negociações.

Supõe-se, contudo, que isto será muito difícilmente possível em virtude de já ter sido proclamada a greve geral pelo congresso dos "trade-unions", que foi cumprida em todas as minas, sem dar lugar à mínima desordem.

O governo chamou às fileiras todos os soldados, e marinheiros que se encontravam de licença, preparando-se para qualquer eventualidade.

Também por ordem do governo o Hide-Park foi ontem à noite encerrado pelo público.

Um decreto proclamando o estado de sítio

LONDRES, 3.—Em consequência da greve dos mineiros e da sua provável extensão a outras classes, o Rei Jorge V, que já abandonou o castelo de Wistow, assinou um decreto proclamando o estado de sítio pelo qual são conferidos plenos poderes ao governo, que enviou imediatamente numerosas tropas de reforço para o País de Gales, para a Escócia e para Lancashire.

O governo nomeou dez comissários encarregados de garantir a manutenção dos serviços públicos.

A greve geral deve ser proclamada esta semana, se não for possível obter a conclusão dum acordo.

Em regime de compressão...

LONDRES, 3.—No final da conferência presidida por Baldwin, a qual esteve reunida até às 13,30 da madrugada, Thomas deixa declarações optimistas e exprimiu a esperança de que as explicações de Baldwin permitiram que se efectuassem hoje novas negociações. As autoridades decretaram uma série de medidas tendentes a reduzir consideravelmente o consumo do carvão, do gás e da electricidade.

As infrações a estas medidas serão punidas com multa e prisão. Todos os depósitos de materiais explosivos, estão rigorosamente vigiados.

Em vespertas da greve geral

LONDRES, 13.—O governo reuniu-se às 17 horas, e Baldwin convocou para as 21 o "comitê" industrial e os sindicatos das "Trade-Unions", estando já estabelecida a base da discussão. Tanto o governo como os sindicatos, tomam disposições para o caso de greve geral. Os mineiros mantêm uma oposição firme à redução de salários e à conclusão de acordos regionais.

As conversações não podem continuar

LONDRES, 3.—Um comunicado governamental publicado em seguida ao fracasso das negociações, declara que as conversações não poderão começar sem que previamente sejam repudiados os actos de violação de liberdade da imprensa e retirações imediatamente as ordens de Grey.

Lord Churchill foge à multidão

LONDRES, 3.—No momento em que abandonava Downing Street e entrava no White Hall, a multidão que ali estava envolveu o sr. Churchill, que teve que se refugiar no ministério do Interior.

Foi votada a greve geral

LONDRES, 3.—Foi aprovada por 3.653.000 trabalhadores filiados, a resolução tomada pela conferência das Trades-Unions, de se declarar a greve geral dos serviços vitais hoje à meia noite, se até lá não for resolvido o conflito mineiro.

Fracassaram as negociações

LONDRES, 3.—Fracassaram as negociações para evitar a greve geral. (H.)

Um exemplo a seguir

LONDRES, 3.—O pessoal do *Daily Mail* recusou-se a imprimir o jornal em consequência de publicar um artigo intitulado "O Rei e o País", no qual se caracterizava a greve geral como um movimento revolucionário, como uma onda negra contra o governo.

Por tal motivo, aquela importante diária ondriana não foi publicada.

MARCO POSTAL

Gonçalo, — José Luís Soares.—Recebemos 30.500. Assinatura paga até 30 de setembro. Os jornais do 1.º de Maio, vão ser guardados.

Corvinas.—Manuel Joaquim Lopo.—Recebemos 40.000. Diário pago até 30 de Abril e Renovação até 30 de Março.

Misericórdia de Lisboa

Todas as quintas feiras do próximo mês de Maio, recebem-se requerimentos para os requerimentos para os dotes a órfãs de pais, devendo as requerentes apresentar, além dos seus requerimentos em papel comum, a sua cartidão de idade, certidão de óbito do pai e atestado da Junta de Freguesia em que prove a sua pobreza, honestidade e respeito, e que reside há mais de dois anos em qualquer freguesia desta cidade.

Na Misericórdia fornecem-se os impresos necessários a quem os solicitar.

As requerentes não devem ter, em 30 de Junho do corrente ano, menos de 20 anos nem mais de 29 anos e meio.

EM HOMENAGEM à Escola e Biblioteca de Estudos Sociais da Boavista

Promovido pelo corpo-sócio da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais da Boavista e em homenagem a esta simpática agremiação, realiza-se no dia 29 de Maio um grande espetáculo no Teatro Gil Vicente, no Rio, subindo à cena o drama em 4 actos e 7 quadros de D. João da Câmara, "Amor de Perdição".

A comemoração do primeiro de Maio na província

No Porto

O comício muito concorrido foi dissolvido pela polícia por culpa dos comunistas

PORTO, 2.—Conforme o deliberado pela Câmara Sindical do Trabalho efectuaram-se ontem, a um tempo e quase à mesma hora—10 horas da manhã—bastantes pequenos comícios nas sedes dos organismos profissionais. Nessas sessões comemorativas da luta, data do 1.º de Maio, foi feita uma esplêndida sementeira das ideias revolucionárias, uma excelente propaganda da organização operária orientada no sindicalismo revolucionário substancializado nos objectivos da C. G. T.

Estas brilhantes manifestações anti-capitalistas foram precedidas pela afixação e distribuição de cartazes e manifestos significativamente alusivos à solenidade do dia, editados pela C. S. T. e pelos diferentes sindicatos operários. Nêles faziam-se afirmações rasgadamente libertárias e de incitamento à boa organização trabalhadora, salientando-se os indignados protestos contra a tirania e a exploração burguesa, visto como contra a tática ameaça do golpe traiçoeiro fascismo lusitano.

A Juventude, pela sua ação escrita e verbal, imprimiu as manifestações um real e digno de menção.

Quase todas as classes paralisaram o trabalho. Os empregados da Carris honraram as tradições dos demais anos—nem um único eléctrico circulou nas linhas. Em compensação houve a tristíssima nota dada por uma parte importante dos *chauffeurs*, proprietários e assalariados, rompendo os compromissos, esquecendo-se lamentavelmente daquele esforço de solidariedade prestada pela organização operária a quando do seu último movimento grevista...

Arrastados pelo egoísmo de terem um bom São Miguel com a falta dos severianos eléctricos, puseram em andamento os seus autos, os quais, na sua cobiça de lucros especiais por falta de concorrência da Companhia da Boavista, pareciam mais provocadores ainda...

Será bom que desapareça desta crônica a alusão picarela às notas fanfarras de algumas classes de Gaia e Póvoa que supõem o 1.º de Maio uma romaria festiva, e as místicas peregrinações aos cemitérios, se guidas de falsas ações mortais...

Os socialistas realizaram de manhã, no Paço das Virtudes, o seu anunciado comício, ao qual assistiu quase em massa a classe dos manipuladores de tabacos, visto o deputado socialista Amâncio de Alpoim, um dos oradores, se ter pronunciado no parlamento pela "régie".

Contra o costume, o tradicional cortejo operário que era de uso preceder o comício das Fontainhas, não se efectuou por deliberação da Comissão do 1.º de Maio e C. S. T. Ele devia efectuar-se depois do comício a Avenida dos Aliados, mas tomou outro rumo devido aos acontecimentos.

O comício, presidido pelo nosso camarada Santos Arranha e secretariado por João Lázaro, das Juventudes Sindicalistas, e por Júlio de Campos, do S. U. dos manipuladores de calçado, couros e peles, teve inicio perto das 10 horas. Muitíssima, concorrência, embora inferior ao ano transato. Respirava-se uma atmosfera pesada—não devendo à irregularidade do tempo, mas ao que se advinhava ir suceder. A reunião não iria terminar bem—e não terminou. Por culpa das autoridades? Não. Por culpa dos comunistas...

A comissão do 1.º de Maio, nomeada C. S. T., resolreu, em harmonia com este organismo, que só falariam indivíduos da organização operária por ela inscritos. Na de oradores por organismos políticos, Apenas consentiria, condescendentemente, que António Carvalho falasse em nome do Socorro Vermelho, fazendo a propaganda desta entidade. Sendo o comício da C. S. S. e não dos políticos ironicamente vermelhos, só elas é que tinha direito de escolher os seus oradores. Idêntica resolução, afinal, tiveram os socialistas para o seu comício.

Os "comunistas", porém, fizeram espasas e mísseis para que não ajudassem seus futuros homens, como maridos e filhos, de forma que estes sentindo à sua volta um ambiente agradável, de amor, possam bem estar de todos lutar com a certeza de que atrás de si estará toda a sua família—emfundados a questão religiosa e o militarismo—o vacionando a assistência todas as considerações dos oradores.

Depois, entrando propriamente a palavra a António Lopes Jorge, secretário geral do Sindicato Textil, que abordou largamente a opressão burguesa e industrial, criticando a chamada crise de trabalho que se verifica afinal não existir, pois nem todos os trabalhadores têm o que precisam. Ataca a fraqueza do proletariado que não tem sabido impor-se, referindo-se à necessidade de reclamar a construção de bairros operários. Ainda a criação dum posto de pronto socorro clínico e farmacêutico para atender os casos de urgência, etc., apresentando nesse sentido duas moções.

Fala depois Quirino Moreira, delegado da C. G. T.—que principia por em nome deste organismo saudar todo o operariado, dizendo ser necessário que todos tenham no espírito que, à mesma hora e por todo o mundo operário, nesse momento se está a afirmar revolucionariamente no sentido de que a manutenção dos trabalhadores seja um facto. História o que foi o movimento do 1.º de Maio de 1886 e ainda ao que ele visava, apelando para que todos os presentes saibam defender-se e conquistar o horário das 6 horas de trabalho que é afinal o que neste momento se impõe para garantir uma situação economicamente melhor ao trabalhador!

Ataca a questão religiosa, o parlamentarismo e o militarismo, fazendo salientar os seus efeitos perniciosos na sociedade e que enquanto se mantiverem a sociedade não será feliz.

Apelando para todos os trabalhadores e para as mulheres que se encontram presentes para que tenham carinho pelo sindicato—apresenta a moção aprovada em conselho da C. G. T., moção que não só nega à sociedade burguesa a capacidade de fazer a felicidade do povo, como também dentro deste princípio defende a união da massa proletária para se impor; protesta contra a extradição da D. Paula da Silva e defende uma sociedade libertária onde o povo e o amor sejam um facto.

Em seguida o camarada presidente faz diversas considerações apelando para a união e fortalecimento dos trabalhadores dentro da organização sindicalista revolucionária baseada nos princípios da C. G. T.

Depois do 4.º orador é que o conflito estalou. O representante comunista, A. Ramalho, insistiu em querer falar, apoiado por alguns seus correligionários. Mas, por outro lado, e em muito maior número, surgem os protestos, acusando-o de ter saído da organização operária para enfileirar numa coligação divisionista da sua indústria, Teime—e sobre para o histórico muro das Fontainhas improvisado em tribuna. Debaixo, da multidão irritada, arremessaram-lhe com lama, com excremento... seguindo-se a balbúrdia, a confusão, uma espécie de corps-de-corpôs...

Nesta altura... entrou a polícia e dissolveu o comício...

A multidão, aos vivas à C. G. T., à C. S. T., à Batalha, à organização operária, etc., e abaios aos políticos, videirinhos, etc., sobre, em cortejo, com as suas 19 bandeiras sindicais, a rua Alexandre Herculano—dando-se durante o trajecto, e sob os sorrisos dos burgueses, conflitos com os comunistas...

Depois, de tudo isto, redundou uma verdadeira apoteose à C. S. T., aglomerando-se a multidão em frente à sua sede.

Considerando que a presente vereação já tem feito alguma coisa referente à higiene pública, mas torna-se necessário desenvolver a sua esfera de ação até aos serviços de assistência médica, a qual por vezes origina casos fatais;

Reclama da Câmara Municipal a criação de um posto médico permanente, para que de futuro se não constate a forçada falta de assistência médica, a qual por vezes origina casos fatais.

A outra refere-se à falta de habitação:

Na Covilhã

A comemoração decorreu com bastante brilho

COVILHÃ, 1.—O proletariado da Covilhã caminha dia a dia para a sua formidável organização sindical, organização que fatalmente o há-de levar à emancipação.

Manhã cedo do 1.º de Maio, uma manifestação superior a duas mil pessoas percorreu as ruas principais da cidade, manifestando-se ruidosamente contra a prepotência burguesa e aclarando deliberadamente a C. G. T., à Batalha, a A. I. T., as reivindicações operárias, etc. Em frente aos quartéis e esquadras de polícia houve protestos contra o militarismo e violências da burguesia. A exemplo dos demais anos, o proletariado da Covilhã soube marcar revolucionariamente a sua atitude.

Contra o que foi anunciado, não se realizou o comício comemorativo do dia juntamente aos bairros sociais de nefanda memória por o tempo o não permitir—tendo-se efectuado antes na Casa do Povo, com uma extraordinária assistência de homens, mulheres e crianças.

Presidiu José Catrilo, secretariando José Macêdo e Manuel da Cruz Curto.

Em primeiro lugar fez uso da palavra Manuel dos Santos Luís que historiou o que foi o sacrifício dos mártires de Chicago em 1886, os heroicos lutadores e propulsores do horário das 8 horas de trabalho.

Referiu-se à ação dos texteiros que conseguiram totalmente esse regime de trabalho e defende que se inicia a luta pelo horário das 6 horas, pois, ainda mesmo assim a burguesia terá ocasião de engordar enquanto nós empobreçemos.

Em seguida usou da palavra Adolfo de Freitas, delegado da Juventude Sindicalista, que se refere à má interpretação dada pela imprensa burguesa à sua missão, porque vê a burguesia de incitamento à organização para se conseguir a emancipação integral dos trabalhadores. No final foi lida e aprovada a moção de C. G. T. sobre o 1.º de Maio—falam ainda alegando a ação dos texteiros.

Mostra a necessidade de todos os jovens trabalhadores formarem os núcleos da Juventude para a pouco e pouco se instruirem e educarem, pois só assim será possível a sua emancipação, tomando parte nos sindicatos a lado de seus irmãos mais velhos, pais e camaradas de infiúto.

Depois, entrou a palavra a Adolfo de Freitas, delegado da Juventude Sindicalista, que se alarga em vastas considerações de carácter sindical e de propaganda, atacando a ação reacionária-católica que pretende dominar o país, tendo palavras de incitamento à organização para se conseguir a emancipação integral dos trabalhadores. No final foi lida e aprovada a moção de C. G. T. sobre o 1.º de Maio—falam ainda alegando a ação dos texteiros.

Mostra a necessidade de todos os jovens trabalhadores formarem os núcleos da Juventude para a pouco e pouco se instruirem e educarem, pois só assim será possível a sua emancipação, tomando parte nos sindicatos a lado de seus irmãos mais velhos, pais e camaradas de infiúto.

Depois, entrou a palavra a Adolfo de Freitas, delegado da Juventude Sindicalista, que se alarga em vastas considerações de carácter sindical e de propaganda, atacando a ação reacionária-católica que pretende dominar o país, tendo palavras de incitamento à organização para se conseguir a emancipação integral dos trabalhadores. No final foi lida e aprovada a moção de C. G. T. sobre o 1.º de Maio—falam ainda alegando a ação dos texteiros.

Mostra a necessidade de todos os jovens trabalhadores formarem os núcleos da Juventude para a pouco e pouco se instruirem e educarem, pois só assim será possível a sua emancipação, tomando parte nos sindicatos a lado de seus irmãos mais velhos, pais e camaradas de infiúto.

Depois, entrou a palavra a Adolfo de Freitas, delegado da Juventude Sindicalista, que se alarga em vastas considerações de carácter sindical e de propaganda, atacando a ação reacionária-católica que pretende dominar o país, tendo palavras de incitamento à organização para se conseguir a emancipação integral dos trabalhadores. No final foi lida e aprovada a moção de C. G. T. sobre o 1.º de Maio—falam ainda alegando a ação dos texteiros.

Mostra a necessidade de todos os jovens trabalhadores formarem os núcleos da Juventude para a pouco e pouco se instruirem e educarem, pois só assim será possível a sua emancipação, tomando parte nos sindicatos a lado de seus irmãos mais velhos, pais e camaradas de infiúto.

Depois, entrou a palavra a Adolfo de Freitas, delegado da Juventude Sindicalista, que se alarga em vastas considerações de carácter sindical e de propaganda, atacando a ação reacionária-católica que pretende dominar o país, tendo palavras de incitamento à organização para se conseguir a emancipação integral dos trabalhadores. No final foi lida e aprovada a moção de C. G. T. sobre o 1.º de Maio—falam ainda alegando a ação dos texteiros.

Mostra a necessidade de todos os jovens trabalhadores formarem os núcleos da